

# LUGAR PARA A MORTE NA CIDADE CONTEMPORÂNEA

## COMPLEXO MORTUÁRIO NO ITACORUBI

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

ACADÊMICA: FERNANDA CERESER FRACARO  
ORIENTADOR: CESAR FLORIANO DOS SANTOS

SEMESTRE: 2011.01

A morte pertence a vida como pertence o nascimento. O caminhar tanto está em levantar o pé como em pousá-lo no chão.

Tagore. Pássaros Errantes, CCXVII.

Pensar uma arquitetura para os mortos, elaborar os lugares de despedida e recolhimento, criar percursos simbólicos e pontos de memória. Nenhuma dessas atividades é vista de forma a ter potencial para um bom projeto de arquitetura. Mas o que se esquece, na primeira impressão, é que mais do que um lugar para a morte, a arquitetura funerária é um lugar para os vivos. É um lugar para a morte em meio a cidade vibrante. E é um lugar necessário.

O preconceito existe porque essa arquitetura é reflexo da forma como as pessoas se relacionam com a morte e, como consequência, da própria dessacralização da cultura. Os lugares de morte também perdem seu valor simbólico. Existe a recusa da morte, a tentativa de minimizar o seu impacto, escondendo a dor, convertendo os cemitérios em lugares assépticos, neutralizados do mal, seguros. Existe a busca pela imortalidade atrás das ideologias contemporâneas.

O que se percebe hoje em dia é que a morte está sempre atribuída a uma intervenção maligna, algo externo e violento. Isso acontece porque o homem mostra uma grande dificuldade de se ver e se aceitar como finito. O discurso contemporâneo é o da morte desumana. Como afirma Baudrillard, sociólogo francês, a morte atual é uma paranóia coletiva, sendo tudo o que a causa um atentado contra a vida.

Hoje se nota a perda do sentimento religioso e a colocação da ciência como sabedoria inquestionável. Esses dois fatores combinados tomam a morte um salto para o desconhecido e geram a necessidade de se buscar uma razão natural para a morte. Faz-se do não vivo um objeto conceitual, separado da realidade dos vivos e algo que deve ser escondido rapidamente. Existe a obrigação de se viver o máximo de tempo possível, atingindo a morte natural, que é vista como correta por evitar brutalidade e violência.

Baudrillard, em seu livro **A troca simbólica e a morte**, também coloca a morte como absorvida pela lei do valor, virando mercadoria. A morte foi jogada para fora do imaginário coletivo. Isso porque a vida é acumulada como bem.

A importância do ritual se mostra quando a sua ausência gera esse tipo de patologia. Segundo Kubler-Ross, "diminuindo a cada dia sua capacidade de defesa física, atuam de várias maneiras suas defesas psicológicas", ou seja, por não saber lidar corretamente com a morte, as pessoas acabam fugindo dela em formas distorcidas. Todo o processo de ritualização da morte e luto tem o único objetivo de acalmar a agonia do vivo, sendo, portanto consequência dos sentimentos das pessoas de angústia, raiva ou medo. Antigamente existiam métodos de se aliviar essa agonia que não funcionam hoje, como, por exemplo, a confissão e a penitência. A psicanálise tentou desempenhar esse papel em determinado momento, mas nada conseguiu aliviar a agonia que o temor da morte causa.

Sigmund Freud, médico neurologista austríaco, afirma que ninguém crê em sua própria morte. As pessoas se convencem de serem imortais e transformam a morte em somente um fato que acontece em algum momento da vida. A fim de se proteger, a sociedade cria a segregação da morte, que caminha junto com outros a margem da sociedade, como os idosos e os pobres, por exemplo.

Hoje, morre-se no hospital, sem que se tenha o direito de saber da própria morte. A morte é embaraçosa, assim como o luto, e não há contato com a morte do outro. A figura do médico é fundamental uma vez que ele é a ferramenta mais eficiente no isolamento entre moribundo e família. É ele quem detém a verdade sobre a morte do paciente, o horário e o motivo. Evitar a morte hoje em dia é uma questão de técnica.

Por perderem a liberdade da morte, as pessoas têm por obrigação viver o máximo de tempo possível. É por esse motivo que, hoje em dia, se tem a sensação de que a "morte natural" é a morte correta, sem que haja brutalidade e violência. Tudo isso é consequência do sistema econômico, ou seja, lentamente o idoso vai sendo excluído do sistema e por fim morre de forma natural, sem causar traumas e já estando, portanto completamente excluído da sociedade.

## A MORTE AO LONGO DO TEMPO

O historiador francês, Philippe Ariès, em seu livro *História da Morte no Ocidente (1975)* faz um estudo detalhado de como a sociedade lidava com a morte ao longo dos séculos. Para tal, o autor se utiliza de dois artifícios: o túmulo e o testamento. Para maior entendimento da forma como a sociedade contemporânea lida com a morte, será feito um breve panorama da evolução desta ao longo dos séculos segundo Ariès.

O primeiro momento, que vai dos séc. V a XII, é chamado *Morte domesticada*. Este período se caracteriza por uma grande familiaridade com a morte. As altas taxas de mortalidade faziam dela parte do cotidiano das pessoas. O moribundo sozinho percebia que estava próximo do momento de morrer e presidia seu próprio funeral, convidando padres para ficarem ao seu lado em seu leito e abrindo sua casa para o espaço público. Ele mesmo proferia seu testamento oralmente, recebia a bênção e assim que morria, era feito o cortejo. As covas eram coletivas e não havia qualquer identificação do morto. Essa naturalidade ao morrer é consequência do que se temia nessa época, que não era o momento da morte, mas sim o dia do Juízo Final.

No séc. XII o Juízo Final se transfere para o exato momento da morte, dando ao momento um caráter mais individual. Por essa perda da coletividade, esse período é chamado *Morte de si mesmo* e vai até o séc. XVIII. O moribundo ainda preside seu próprio ritual, mas a experiência é focada na relação entre ele e Deus. Outra grande mudança acontece com os testamentos, que passam a ser escritos e com especificações sobre o cortejo e o luto.

Esses testamentos começam a ser pregados nos lugares em que os mortos estão enterrados, se tornando a sua primeira forma de identificação, uma vez que a lápide só surge no séc. XIV. O luto agora é prolongado por exigência dos testamentos. Fatores como a peste, fome, guerras e inquisição do séc. XIV, causadores da morte em massa, faz com a morte viva lado a lado com o homem em forma de ameaça. Esse descontrole gera uma visão temerosa da morte no homem deste período. São atribuídos a morte conteúdos negativos e o homem passa a mostrar um estranhamento com esse momento.

Essa tendência de repreender a morte se fortalece no próximo momento, que vai do séc. XVIII ao XX, chamado de *Morte do outro*. Surge o medo de qualquer referência a morte e o culto aos mortos. Os testamentos passam a ser laicos. Mas a grande mudança acontece quando a morte é transferida das mãos do padre para as do médico. Essa figura nova timidamente entra no meio da relação entre as famílias e o moribundo, que interage ao visitados no dia de Finados.

O quarto momento é chamado *Morte interdita*, vindo do séc. XX até a atualidade. O homem de hoje em dia convive com a idéia de uma catástrofe pode acontecer a qualquer momento. Como consequência diante de tanto descontrole sobre a vida há a tentativa de se defender psicologicamente, de forma cada vez mais intensa contra a morte.

## A MORTE NA ATUALIDADE

### RITUAL SIMBÓLICO X ESPETÁCULO A MORTE SEM LUGAR



Acima: imagem de velórios nos modelos das funeral homes americanas, com chuvas de pétalas e tema cowboy, onde prevalece o espetáculo perante a troca simbólica. Uma cerimônia no Brasil pode chegar a R\$ 50.000,00.



Abaixo: imagem do ritual Taoru Nagashi no Japão, onde para cada falecido é acendida uma lanterna que é levada pela correnteza do rio. Um ritual simbólico onde é possível perceber a representatividade da vela partindo com a despedida e o cruzar o limite para o desconhecido.

Desde os tempos mais antigos o ser humano tem a característica de ritualizar a morte a fim de aliviar a angústia que a finitude do "ser" causa. Essa troca simbólica através de um ritual se torna um enfrentamento da morte no inconsciente e permite que, depois de realizada todas as etapas, a pessoa consiga seguir sua vida uma vez que o consciente não apresenta obsessões.

Quanto se perde um ente querido, é importante que o processo de luto seja passado corretamente. Freud afirma que o luto demanda tempo e energia. O primeiro ano é muito importante para que o enlutado passe por datas significativas e novas experiências sem o morto. Existe sempre a consciência de recomeço no luto. Conclui-se, portanto que são os diversos pequenos e grandes lutos que uma pessoa enfrenta ao longo de sua vida que a tornam mais preparada para quando sua hora chegar.

Com o medo de enfrentar a morte, os rituais e festas são malvistas e existe uma inversão onde não se trata mais de honrar os mortos, mas sim de proteger os vivos que se confrontam com a morte. Esse comportamento criou o chamado make-up da morte, onde ela é separada do luto e mascarada a no sorriso e marketing. Isso se torna possível quando os signos do ritual são dissimulados de seu conteúdo e a troca simbólica fica vazia de significado. Para exemplificar isso basta estudar as funeral homes ou visitar algum cemitério virtual na internet. Existe todo um trabalho de toilette-funerária, que maquia o morto a fim de fazer com que ele pareça simplesmente adormecido.

Para concluir esse tópico, todo e qualquer ritual é uma forma de representação, assim como um espetáculo. Porém é imprescindível que haja troca simbólica, referenciais, que se depare com o morto, que se enfrente a dor, enquanto o que se percebe hoje em dia na espetacularização da morte é um extremo de naturalidade forçada, um ideal de morte falso, um simulacro da vida.

Desde os tempos mais antigos o ser humano tem a característica de ritualizar a morte a fim de aliviar a angústia que a finitude do "ser" causa. Essa troca simbólica através de um ritual se torna um enfrentamento da morte no inconsciente e permite que, depois de realizada todas as etapas, a pessoa consiga seguir sua vida uma vez que o consciente não apresenta obsessões.

Quanto se perde um ente querido, é importante que o processo de luto seja passado corretamente. Freud afirma que o luto demanda tempo e energia. O primeiro ano é muito importante para que o enlutado passe por datas significativas e novas experiências sem o morto. Existe sempre a consciência de recomeço no luto. Conclui-se, portanto que são os diversos pequenos e grandes lutos que uma pessoa enfrenta ao longo de sua vida que a tornam mais preparada para quando sua hora chegar.

Com o medo de enfrentar a morte, os rituais e festas são malvistas e existe uma inversão onde não se trata mais de honrar os mortos, mas sim de proteger os vivos que se confrontam com a morte. Esse comportamento criou o chamado make-up da morte, onde ela é separada do luto e mascarada a no sorriso e marketing. Isso se torna possível quando os signos do ritual são dissimulados de seu conteúdo e a troca simbólica fica vazia de significado. Para exemplificar isso basta estudar as funeral homes ou visitar algum cemitério virtual na internet. Existe todo um trabalho de toilette-funerária, que maquia o morto a fim de fazer com que ele pareça simplesmente adormecido.

Para concluir esse tópico, todo e qualquer ritual é uma forma de representação, assim como um espetáculo. Porém é imprescindível que haja troca simbólica, referenciais, que se depare com o morto, que se enfrente a dor, enquanto o que se percebe hoje em dia na espetacularização da morte é um extremo de naturalidade forçada, um ideal de morte falso, um simulacro da vida.

Abaixo imagem do cemitério Jardim da Paz, localizado na SC-401, em Florianópolis. O jazigo mais barato nesse cemitério, que segue o modelo jardim, custa R\$6.050 reais, não sendo portanto acessível a qualquer pessoa.

